



A mensageira: consolidação da escrita feminina no século XIX

A mensageira: Consolidation of Female Writing in 19th Century

Cristina Loff Knapp

Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, Rio Grande do Sul / Brasil

crislknapp@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1593-8734>

Resumo: O tema deste artigo são as vozes femininas na revista *A mensageira*. Para tanto, nosso objetivo primordial focaliza na discussão da consolidação dessa escrita como forma de trazer à tona os textos que foram silenciados pela historiografia literária brasileira. Assim, faremos uma breve discussão de como se alicerçou os escritos das mulheres, no Brasil, no século XIX, balizada nas afirmações de Duarte (1997, 2017), Telles (2004), Perrot (2008) e Teixeira (2008). A partir disso, traremos à luz da discussão essas publicações e a importância da revista *A mensageira* como veículo de divulgação desses ideais e como propulsor de artigos, poemas, contos e crônicas de autoria feminina no século XIX, tendo como referencial teórico os escritos de Luca (1999). Sendo assim, nosso estudo procura mostrar como o periódico foi um meio de enfatizar a resistência e a reflexão das diferenças entre homens e mulheres, tornando-se um espaço de disseminação de escritoras que não foram consagradas pelo cânone.

Palavras-chave: revista *A mensageira*; imprensa feminina; estudos culturais de gênero.

Abstract: This article focuses on the female voices of the magazine *A mensageira* (in English, “The Messenger”). To that end, our main objective is to discuss the consolidation of the female writing as a means to bring forward those voices that have been silenced by Brazilian literary historiography. Thus, we briefly discuss how female authorship was established in Brazil, in the 19th century, based on researches by Duarte (1997, 2017), Telles (2004), Perrot (2008) and Teixeira (2008). From this perspective, we link these female voices and the importance of *A mensageira* both in the process of spreading the feminist ideals of the time, and as a publisher of women writers in the 19th century, having Luca (1999) as a theoretical ground. Thus, our study aims to demonstrate how the referred magazine worked as a means to emphasize the resistance

and the reflection on the differences between men and women, disseminating women writers who were forgotten until recently.

Keywords: *A mensageira* magazine; female press; Gender and cultural Studies.

Esta revista, dedicada às mulheres, parece-me dever dirigir-se especialmente às mulheres, incitando-as ao progresso, ao estudo, á reflexão, ao trabalho e a um ideal puro que as nobilite e as enriqueça, avolumando os seus dotes naturais.

(Júlia Lopes de Almeida, *A mensageira*, 1987, n. 1, p. 4)

Introdução

Uma das temáticas dos Estudos Culturais de Gênero é o resgate de escritoras do século XIX. Muitas dessas mulheres não figuraram nos manuais da historiografia literária e ficaram no esquecimento. Estudar essas vozes femininas silenciadas é expressivo para trazer à tona a história de mulheres que lutaram pelo direito de se expressar. Algumas optaram por escrever poemas, crônicas, contos e até coordenar revistas, e isso foi de fundamental relevância para a sua consolidação no meio literário brasileiro. Atualmente, tem se solidificado a magnitude do estudo sobre a imprensa feminina do século XIX. Frisamos as publicações recentes das obras *Mulheres gaúchas na imprensa do século XIX: almanaque de lembranças luso-brasileiro* (ZINANI, 2018) e *Imprensa feminista e literatura: contribuições da revista A mensageira* (ZINANI, 2019). A última tem como temática a revista *A mensageira*. Esta será o foco de nosso estudo que tematizará os textos escritos por mulheres sufocados pelo cânone literário de autoria masculina, a fim de trazer à tona como o periódico foi um meio de enfatizar a resistência e a reflexão das diferenças entre homens e mulheres. A pesquisa é de cunho bibliográfico, ancorada nos estudos culturais de gênero. O referencial teórico utilizado são os estudos de Duarte (1997 e 2017), Luca (1999), Telles (2004), Perrot (2008) e Teixeira (2008), a respeito da escrita feminina e da imprensa. Nosso *corpus* de análise é a edição fac-similar da revista *A mensageira* publicada pela Secretaria do Estado da Cultura e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, em 1987.

A escrita feminina no século XIX

Foram marcadas por grandes esforços e dedicação as conquistas das mulheres, sendo uma delas a escrita. No século XIX, no Brasil, a maior parte das mulheres não teve acesso à educação. A escrita e o saber estiveram associados à ideia de poder, e quem o detinha na sociedade patriarcal era o homem, em consequência a mulher assumia uma posição de inferioridade. Xavier (2003) destaca que:

Além de a oposição macho/fêmea corresponder ao dualismo mente/corpo, a corporalidade feminina, sempre mais frágil e vulnerável, é usada para justificar as desigualdades sociais; a vinculação da feminilidade ao corpo e da masculinidade à mente restringe o campo de ação das mulheres, que acabam confinadas às exigências biológicas da reprodução, deixando aos homens o campo do conhecimento e do saber. (XAVIER, 2003, p. 254)

Todavia, esse discurso de poder não conseguiu ocultar algumas vozes que se sobressaíram, mesmo a duras penas em lugares tidos como masculinos. A imprensa feminista destacou-se, no século XIX, como propulsora da subjetividade feminina, seja em textos literários ou em artigos que visaram reivindicar seu reconhecimento na sociedade. Telles elucida a respeito da subjetividade feminina:

À mulher é negada a autonomia, a subjetividade necessária à criação. O que lhe cabe é a encarnação mítica dos extremos da alteridade, do misterioso e intransigente outro, confrontado com veneração e temor. O que lhe cabe é uma vida de sacrifícios e servidão, uma vida sem história própria. Demônio ou bruxa, anjo ou fada, ela é mediadora entre o artista e o desconhecido, instruindo-o em degradação ou exalando pureza. É musa ou criatura, nunca criadora. (TELLES, 2004, p. 337)

A ideia de uma vida de sacrifícios e de servidão envolveu o universo feminino. Como assinala Telles (2004), a mulher foi vista como musa, “anjo ou fada” em um jogo de oposições. Zinani e Polesso (2010, p. 100) apontam que “nas relações de gênero, assimétricas e de dominação, o que não é masculino assume uma posição marginal”. A escrita feminina ganhou força no século XIX, porém com um viés marginal, sem a aprovação de muitos homens. Várias obras, inclusive, ainda permanecem à margem do cânone literário.

Diversas mulheres ficaram à sombra de uma voz masculina e, aos poucos, conseguiram conquistar seu espaço na sociedade e na cultura letrada. Certas escritoras, como argumenta Duarte (1997, p. 54), publicaram sob um pseudônimo masculino “como forma de driblar a crítica e os leitores e, ao mesmo tempo, se protegerem da opinião pública”. Outras, inclusive, deixaram de publicar e escrever, devido ao fato de não poder ter concorrência na família. Ou seja, se na família houvesse um homem escritor, a mulher não poderia seguir o mesmo caminho para não ofuscar a escrita de autoria masculina. Duarte (1997, p. 57) informa que algumas mulheres utilizaram apenas as iniciais como pseudônimo no momento de publicar seus textos, “o anonimato – a máscara perfeita da invisibilidade – permitiu às mulheres escamotear o conflito que deve ter sido para muitas um motivo de angústia”. O conflito dava-se justamente em se expor ou não em um mundo destinado ao domínio masculino. Ressaltamos que esse universo masculino negava à educação ao sujeito feminino.

As mulheres foram educadas apenas para cuidarem do lar. A educação destinada ao ser feminino foi básica e, algumas moças, de classes mais ricas, recebiam a educação em casa. Assim, não precisavam sair e não ficavam expostas. Dessa forma, os domínios da mulher continuavam sendo a casa à sombra masculina. Vale lembrarmos que a mulher assumiu o papel de destaque no lar, ou seja, foi responsável por tudo na casa, sob a supervisão do homem. Caso alguma coisa saísse errado, a responsável era ela. Na verdade, é como se o lar, a casa administrada pela mulher representasse o Estado, segundo as impressões de Maluf e Mott (1998). Carvalho (2006) evidencia que o “começo do século XIX fatalmente transbordaria para o espaço doméstico, contribuindo para que fosse construída uma noção do que deveria ser família civilizada. [...] o lar tornou-se metáfora da pátria. [...]” (CARVALHO, 2006, p. 176). Telles afirma que as mulheres do século XIX

tiveram de ler o que sobre elas se escreveu, tanto nos romances quanto nos livros de moral, etiqueta ou catecismo. A seguir, de um modo ou de outro, tiveram de rever o que se dizia e rever a própria socialização. Tudo isso tornava difícil a formulação do eu, necessária e anterior à expressão ficcional. (TELLES, 2004, p. 337)

A expressão literária feminina nesse período parece ter sido muito difícil, contudo, não impossível. Temos bons escritos e de qualidade.

Como viveram reclusas, as mulheres que se dedicaram à vida religiosa, de certa forma, conseguiram escrever. Perrot (2008) aponta que os conventos “eram lugares de abandono e de confinamento, mas também refúgios contra o poder masculino e familiar. Lugares de apropriação do saber, e mesmo de criação” (PERROT, 2008, p. 84), embora o saber que estava disponível foi construído a partir da visão masculina. O homem, na maioria das vezes, foi o autor dos romances e outros escritos que chegavam até às mulheres. “As representações literárias não são neutras, são encarnações ‘textuais’ da cultura que as gera. Excluídas do processo de criação cultural, as mulheres estavam sujeitas à autoridade/autoria masculina” (TELLES, 2004, p. 341).

Duarte (2017) acentua que a partir do século XIX, momento o qual as mulheres tiveram acesso à escrita, a leitura ocupou parte de suas vidas. Com isso, surgiu a crítica e o questionamento da sua condição.

A leitura lhes deu consciência do estatuto de exceção que ocupavam no universo de mulheres analfabetas, da condição subalterna a que o sexo estava submetido, e proporcionou o surgimento de escritos reflexivos e engajados. (DUARTE, 2017, p. 14)

A história das mulheres contadas pelos jornais revelou curiosidades interessantes a respeito da dominação do universo patriarcal em relação à neutralização da postura feminina no ambiente público. Duarte (2017) em seu estudo esclarece que no período em que a mortalidade infantil brasileira atingiu índices elevados, os jornais incentivaram a amamentação e o apego da mulher à família, “o redimensionamento do papel da mulher com que umas e outras sonhavam vai consistir na supervalorização das figuras da esposa e da mãe, alçadas à categoria de ‘santas’” (DUARTE, 2017, p. 23-24). No entanto, frisamos que ainda seu reduto foi o lar e não o ambiente público, tido como masculino. O homem ainda era o chefe da família a quem a esposa deveria obedecer.

A partir de 1879, como notifica Duarte (2017), o governo brasileiro permitiu que a mulher frequentasse o ensino superior e, em algumas escolas, passaram a ser aceitas matrículas de meninas. Porém, a rigor isso não aconteceu em todas as regiões do país e, à medida que mudava a direção da escola, as moças foram vetadas de frequentá-la. Essa oscilação na opinião também apareceu nos periódicos da época, de acordo com as observações de Duarte (2017):

Alguns se empenham em acompanhar a transformação dos tempos e defendem que as mulheres devem ser respeitadas, ter direito de frequentar as escolas e o espaço público. Já outros reiteram sua fragilidade e delicadeza, a especificidade dos papéis sociais, e se limitam a falar de moda e criança. Ocorria muitas vezes, inclusive, de propostas antagônicas se misturarem no mesmo periódico, e artigo investidos de tom progressista ficarem próximos de outros com ideias contrárias. A emancipação intelectual, política e social da brasileira ficou, assim, à mercê de forças que ora a impulsionavam para a frente, ora a queriam estacionada na ignorância e na dependência. (DUARTE, 2017, p. 25)

Como podemos constatar, na longa citação de Duarte, a dualidade na posição da mulher em frequentar escolas, publicar textos, aconteceu. Com o passar dos anos, no Brasil, a participação do sujeito feminino, tanto na imprensa como na publicação de obras literárias foi se consolidando. Embora, como já afirmamos, muitas ficaram no esquecimento. A respeito disso Teixeira (2008) sublinha que:

Atualmente a literatura feita por mulheres envolve a conquista da identidade e da escrita, vencidos os condicionamentos de uma ideologia que a manteve nas margens da cultura. Superadas as necessidades de apresentar-se sob o anonimato, de usar pseudônimo masculino e de utilizar-se de estratégias para mascarar seu desejo, a literatura escrita por mulheres engaja-se, hoje, num processo de reconstrução da categoria “mulher” enquanto questão de sentido e lugar privilegiado para a reconstrução do feminino e para a recuperação de experiências emudecidas pela tradição cultural dominante. (TEIXEIRA, 2008, p. 45)

As “experiências emudecidas” foram e ainda são resgatadas na academia. Os Estudos Culturais de Gênero trouxeram à tona vozes silenciadas do século XIX, que tiveram uma expressão extremamente relevante na consolidação dos direitos das mulheres, principalmente no que concerne à imprensa feminista e feminina. Focalizamos a inauguração da Editora Mulheres, em 1995, que só funcionou realmente em 1996, idealizada e fundada por Zahidé Lupinacci Muzart, professora aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e outras duas professoras, Elvira Sponholz e Suzana Funck. A editora teve um papel fundamental para o resgate das publicações de autoria feminina do século XIX.

Em vista disso, comprovamos o quão significativo é o estudo da imprensa feminina e feminista do século XIX, dando brilho aos escritos esquecidos e inovadores dessas figuras tão importantes da nossa historiografia literária. A revista *A mensageira* foi um periódico que divulgou muitas dessas vozes silenciadas. Usamos a expressão “vozes silenciadas” para marcar a produção literária de muitas escritoras que, embora tiveram muitos textos publicados no período em que viveram, ficaram esquecidas *a posteriori*. Um exemplo disso é o livro de Alfredo Bosi, *História concisa da literatura brasileira* (1999)¹, que não menciona Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944) ou mesmo Maria Clara da Cunha Santos (1866- 1911), ambas de destaque no período de publicação de *A mensageira*. Nádía Battella Gotlib elucida que:

A condição de subordinação da mulher brasileira, numa sociedade patriarcal de passado colonial, tal como noutros países da América Latina colonizados por europeus, deixou as suas marcas. Talvez a mais evidente delas seja a do silêncio e a de uma ausência, notada tanto no cenário público da vida cultural literária, quanto no registro da nossa literatura. (GOTLIB, 2003, p. 21)

Essa condição de subordinação manteve os escritos de autoria feminina no esquecimento por muito tempo. Em alguns períodos de nossa história essa mesma condição de subordinação não encorajou as publicações. Porém, isso não as acomodou, e nas palavras de Gotlib, as mulheres consideradas “fora do lugar já haviam decidido uma linha de ocupação de seu espaço próprio” (GOTLIB, 2003, p. 36). A linha de ocupação de seu espaço foi traçada a partir da educação, da leitura e da liberdade de escolha.

Vozes literárias e o ideal feminista em *A mensageira*

A revista *A mensageira* circulou entre os anos de 1897 e 1900. No primeiro ano foi publicada quinzenalmente. A partir de 1899, passou a ser mensal e contou com 36 edições. Seu conteúdo foram textos em

¹ Não estamos aqui fazendo juízo de valor a respeito da obra de Bosi, muito pelo contrário, sua contribuição para pensar a historiografia literária é inegável, apenas frisamos que o nome de Presciliana Duarte de Almeida e outras escritoras da época não aparecem em sua obra.

prosa ou verso tendo como primordial objetivo a divulgação de artigos que se preocupavam com a posição da mulher na sociedade. Em 1987, a Secretaria do Estado da Cultura e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo publicou uma edição fac-similar da revista em dois volumes, proporcionando o resgate desse material. Em nossa pesquisa utilizamos essa edição. Luca (1999) comunica que a publicação fac-similar só foi possível devido ao fato de, em 1902 a diretora da revista *A mensageira*, Presciliana Duarte de Almeida, ter doado a coleção completa para a hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

A edição fac-similar está organizada em dois volumes, trazendo os 36 fascículos. Luca (1999) indica que no primeiro volume são apresentadas as publicações que tiveram tiragem quinzenal, ou seja, os 24 primeiros números que compreendem ao período de 15 de outubro de 1897 a 30 de setembro de 1898. Já no segundo volume, as publicações de tiragem mensal, com 12 números, que circularam entre fevereiro de 1899 a janeiro de 1900. Entre outubro de 1898 e janeiro de 1899 a revista não foi publicada, visto que sua diretora, Presciliana, perdeu seu filho caçula e guardou seu luto. Isso é explicado no número 25, conforme Luca (1999).

A diretora da revista e idealizadora, Presciliana Duarte de Almeida, teve uma profícua produção literária, publicando vinte e oito poemas, três deles sob o pseudônimo de Perpétua do Valle. É importante ressaltarmos que a poetisa foi responsável pela redação dos editoriais e do material dedicado à seção “Noticiário”, além da escolha de excertos que ilustraram a coluna “Seleção” e dos recortes escolhidos de outros periódicos sob a epígrafe “A mensageira”, conforme a pesquisa de Luca (1999).

Ainda como informa Luca (1999), o acúmulo de responsabilidades assumido por Presciliana teria sido o fator responsável pela criação dos heterônimos, dando a ideia de um vasto corpo editorial e de maior impessoalidade. Perpétua do Valle, como já mencionado, foi um pseudônimo de Almeida e tinha a função de exercer a crítica artístico-literária na revista, como também a publicação de poemas. O pseudônimo foi mantido em sigilo durante todo o período de circulação de *A mensageira*. Em 1914, quando o marido de Presciliana, Silvio Almeida, apresentou o trabalho *Cancioneiro dos Bandeirantes*, no I Congresso de História Nacional, é que foi revelado ao público que Perpétua do Valle era o pseudônimo de Presciliana Duarte de Almeida.

As colaboradoras da revista *A mensageira* foram 33 mulheres chamadas de mensageiras, dentre elas estavam: Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), Maria Clara da Cunha Santos (1866-1911), Julieta de Mello Monteiro (1855-1928) e sua irmã Revocata Heloísa de Mello (1853-1944), Áurea Pires (1876-1949), Myrthes de Campos ((1875-?)),

uma das primeiras mulheres a advogar no Brasil), entre tantos outros nomes. Martins (2001) evidencia o importante papel da diretora Presciliana:

A capacidade aglutinadora de Presciliana fez daquela publicação o espaço por excelência da mulher escritora da virada do século [...]. Da busca de comportamentos à produção literária feminina [...] percebida como o mais importante veículo de divulgação da poesia feminina. Divulgava a opinião e a colaboração das mulheres envolvidas com as letras. (MARTINS, 2001, p. 375)

A revista diferiu das publicações da época, no Brasil, por divulgar a emancipação feminina, ao contrário de outros escritos que apresentavam moda, receitas, como ratifica Duarte (2017). Entendemos aqui o conceito de emancipação como a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres na sociedade. *A mensageira* trouxe à baila reflexões a respeito da condição feminina na sociedade. O ideal do periódico ficou claro no primeiro editorial, assinado pela sua diretora Presciliana, vejamos um trecho:

Estabelecer entre as brasileiras uma sympathia espiritual, pela comunhão das mesmas idéias, levando-lhes de quinze em quinze dias, ao remansoso lar, algum pensamento novo-sonho de poeta ou fructo de observação acurada, eis o fim que, modestamente, nos propomos². (ALMEIDA, 1987a, p. 1)

O editorial foi inovador e pretendeu dar voz às mulheres, a fim de lutarem pelos seus direitos, e além disso, levar até os lares literatura escrita pelas mulheres. Mencionamos o subtítulo da revista: “revista literária dedicada à mulher brasileira”, frisando muito claramente o seu público. Sylvania Perlingeiro Paixão (1989) argumenta a respeito da circulação do periódico:

[...] era através deste veículo que fazia circular as suas confidências, os seus segredos e também o seu ideário, expresso nos contos e crônicas ali publicados. Embora propondo a educação da mulher, promovendo a leitura e incitando a sua profissionalização, a ideologia contida na revista ainda reproduzia o preconceito e a repressão dirigidos a ela, no sentido de impedir o seu ingresso na esfera pública. (PAIXÃO, 1989, p. 54)

² As citações retiradas da revista *A mensageira* serão transcritas de acordo com a grafia original e foram transcritas da edição fac-similar publicada pela Secretaria do Estado da Cultura e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, em 1987.

As críticas dirigidas à mulher escritora e leitora sempre foram muito ferrenhas, como elucida Paixão (1989), com o intento de impedir a sua entrada na esfera pública. A educação das mulheres deveria ser apenas para cuidar dos filhos e do marido. Basta lembrarmos que quando o sujeito feminino conseguiu realmente adentrar o mundo literário, a família perpassa seus textos, como nos informa Elódia Xavier (1998), na obra *Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino*.

Na coluna “Entre amigas”, a escritora Júlia Lopes de Almeida também destacou o ideário da publicação e procurou enfatizar a importância do desenvolvimento intelectual feminino. Conferimos:

Não é sem algum espanto que eu escrevo este artigo, para um jornal novo, e, de mulheres! E’ uma tentativa sem grandes fundamentos? Viverá pouco? ficará? Só o tempo poderá responder a estas perguntas; entretanto, que fique, ou que passe no sopro ligeiro dos dias curtos, esta revista assignala um facto, digno de attenção de que o movimento feminista vae desenvolvendo a força das suas azas, no Brazil. A mulher brasileira conhece que pode querer mais, do que até aqui tem querido; que pode fazer mais, do que até aqui tem feito. Precisamos comprehender antes de tudo e affirmar aos outros, atados por preconceitos e que julgam toda a liberdade de acção prejudicial á mulher na familia, que é a bem da própria familia, principalmente d’ella, que necessitamos de desenvolvimento intelectual e do apoio seguro de uma educação bem feita. (ALMEIDA, 1987b, p. 4)

A coluna escrita por Júlia Lopes de Almeida reforça o ideário da revista apresentado em seu editorial. Indicou a necessidade de educação para a mulher em seus lares, a fim de poderem auxiliar seus filhos, “uma mãe instruída marcará no espirito do seu filho, o sentimento da ordem, do estudo e do trabalho, de que tanto carecemos. Parece-me que são esses os elementos de progresso e de paz para as nações” (ALMEIDA, 1987b, p. 5). Assim, podemos ver como o feminismo esteve presente desde o início das publicações de *A mensageira*.

Outro ideal defendido nas páginas da revista, como anunciou sua diretora, no primeiro editorial, foi receber textos literários de autoria feminina. Diversas as publicações, desde poemas, contos, crônicas,

levando aos lares literatura de qualidade³. Perrot (2008, p. 13) realça que o jornalismo foi uma maneira de divulgar a escrita das mulheres, antes restrita apenas ao lar ou “autorizadas a formas específicas de escrita pública (educação, caridade, cozinha, etiqueta...)”.

Além dos textos de escritoras, *A mensageira* também publicou escritos de autoria masculina, como em seu primeiro número. O colaborador foi Silvio de Almeida, primo e marido de Presciliana Duarte de Almeida, que também mantinha a coluna “Traços ligeiros”. Seu texto intitulado “Cartão de Parabéns” inicia desta forma:

Esta revista representa um feliz; tentamen, digno, por certo, de todo o acoçoamento. Em suas paginas delicadas e encantadoras vem palpar a alma ineffavel da mulher brasileira, que não se limita mais ao simples papel de nossa exclusiva companheira do lar, mas que já se atira á imprensa e ao livro, para viver comnosco não só a vida do corpo, mas também a vida superior do espirito. Esta revista aparece aos olhos, talvez espantados da velha educação burgueza, como um brado eloquente em favor da emancipação intellectual do eterno e doce feminino, que aprendemos a estremecer no olhar de bençam de nossas mães, santificadas no culto da mais nobre veneração pelos seus sacrificios, e acabamos finalmente por idealisar no paraíso terrestre do sorriso de felicidade de nossas esposas amoveis. (ALMEIDA, 1987c, p. 10)

A contribuição masculina não era a maioria na revista, conforme Luca (1999), apenas 3/4 ou 4/5 dos escritos de um volume, reforçando que a publicação era majoritariamente composta por escritos de autoria feminina. Os colaboradores masculinos, como transcrevemos acima, consolidavam o ideal da revista e acreditavam que a mulher não deveria apenas ficar restrita às lidas domésticas, mas também escrever e publicar, como Sílvio Almeida (1867-1924) elucidou: se aventurar “a vida superior do espírito”. No segundo número da revista, o mesmo

³ Merece esclarecermos o que entendemos por literatura de qualidade, não estamos aqui julgando textos como bons ou ruins, apenas informando que os textos literários escritos por mulheres em *A mensageira* refletiam sobre o humano, as questões da alma, lembrando a temática do simbolismo ou exaltavam a paisagem romântica. Os editoriais procuravam trazer discussões sobre o papel da mulher na sociedade e, principalmente, a sua participação não somente como alguém que cuidava da casa e dos filhos.

autor traçou considerações relevantes, a fim de justificar a presença de escritos masculinos em uma revista com viés de emancipação da mulher:

Entendemos que este periodico só tem a lucrar com o augmento do numero dos seus auxiliares, tanto mais quanto o meio literário do Brazil se caracteriza até hoje pelo desalento e pela inércia; e não sabemos bem porque, uma revista destinada ás mulheres, ha de deixar de inserir qualquer producção que lhes seja proveitosa ou agradável, só porque tenha vindo do cerebro de um homem [...]

(ALMEIDA, 1987d, p. 24).

Si, para o geral dos nossos patricios, o ideal da mulher consiste só em saber lavar, cozinhar, etc., como qualquer uma das antigas escravas, — quanto arrojo e talento lhes não será necessário para que ellas escrevam? [...] (ALMEIDA, 1987d, p. 24).

No excerto do segundo número fica evidente a preocupação em deixar claro que os escritos de autoria masculina também foram bem-vindos na revista. Evidentemente, que esses não feriram os princípios da publicação, como podemos verificar no escrito de Almeida.

Outro fator de grande relevância para a *A mensageira* foi sua internacionalização. Zinani (2019, p. 18) informa que “A mensageira não circulava apenas no Brasil, também era encontrada em Paris, sob a responsabilidade de Madame Blanche Xavier de Carvalho⁴, bem como no Chile”. O marido de Blanche Xavier de Carvalho, o senhor Xavier de Carvalho, um socialista português, também foi colaborador da revista e seus textos versavam sobre o feminismo. A respeito dessa circulação internacional, Barp e Zinani (2019) ressaltam que:

O periódico circulou por diversos estados e Países. A seção “Notas pequenas”, escrita por Presciliana nas páginas finais de cada número, revela informações importantes sobre a distribuição da revista no Brasil. Muitos leitores e editores de outros veículos de comunicação dizem tê-la recebido, e a elogiam. A coluna também discorre sobre sua disseminação em outros países, conforme as seções “A mensageira em Paris”, presente no número seis, e “A mensageira no Chile”, contida no número dezesseis, por exemplo. (BARP; ZINANI, 2019, p. 162)

⁴ Informamos que não encontramos a data de nascimento e morte de Madame Blanche Xavier de Carvalho em nosso referencial consultado.

Uma colaboradora radicada na França foi Eugénie Potonié-Pierre (1844-?), uma líder feminista e pacifista, que publicou um artigo no número 35, de 15 de dezembro de 1899. Seu texto foi traduzido por Josefina Alvares de Azevedo (1851-?). Observemos um excerto:

Mulheres, uni-vos, não continueis a ser frívolas, malquerentes entre vós, desconfiadas de tudo quanto emana de outra mulher, dispostas a ver as pequeninas cousas com receio de serdes forçadas á admiração das grandes cousas. Cessae de considerar a belleza, o encanto, o espirito, o successo, a sciencia de uma companheira quasi que como uma injuria para vós. Fazei-vos solidarias em tudo quanto exista em outra mulher de bom e de bello, e da emulação amorosa e doce resultará o real valor que se affirmará, que se imporá, que restabelecerá o nivel abalado das sociedades modernas, fazendo brotar d’ahi uma sociedade nova, em que os proprios homens não ousarão mostrar-se mais adversarios das mulheres, em que a igualdade se tornará causa natural e em que um véo de doçura e de paz, emanando da natureza feminina, tornará impossivel os costumes ferozes, as guerras barbaras, as lutas violentas. (POTONIÉ-PIERRE, 1987, p. 207-208).

O artigo intitulado “A solidariedade feminina” teve como foco reivindicar a participação das mulheres no mercado de trabalho. Mostrar que entre os homens e as mulheres deveria haver solidariedade e não concorrência. O texto da líder feminista francesa foi traduzido, como já mencionado, por Josefina Álvares de Azevedo⁵ que era irmã, por parte de pai, de Manoel Antônio Álvares de Azevedo. Josefina fundou o jornal *A família*, que circulou de 1888 a 1897, tendo como sede São Paulo e anos mais tarde o Rio de Janeiro. O jornal teve relevância para defender a educação e o direito ao voto para todos os cidadãos sem exclusão de sexo. Inclusive a autora escreveu uma peça teatral intitulada *Voto feminino*, que foi encenada entre os anos de 1890 e 1891, no Rio de Janeiro. Buitoni (1986) assinala que embora o título do jornal fosse mais conservador, *A família*, seus escritos foram inovadores defendendo o voto, como já dito, e o divórcio.

A sua contribuição na revista *A mensageira* aconteceu somente com a tradução do artigo citado acima. Segundo Luca (1999), pouco se

⁵ As informações sobre Josefina Álvares de Azevedo foram retiradas do *Dicionário mulheres do Brasil*, de Schuma Schum Maher e Érico Vital Brasil (2000).

sabe sobre a vida de Josefina Álvares de Azevedo, após o ano de 1900. Todavia, o periódico dirigido por Presciliana Duarte de Almeida fez referência a essa escritora e feminista em várias de suas notas. A inserção desse artigo traduzido mostrou o comprometimento da revista com a causa feminista e a amplitude que a mesma alcançou, inclusive na Europa. Kamita (2004) traz à tona os argumentos iniciais de *A mensageira* que

[...] pautavam-se na necessidade de uma educação à mulher que lhe permitisse participar do mercado de trabalho, ideal partilhado por muitas feministas da época, que consideravam esse o caminho para a autonomia feminina econômica e intelectual. (KAMITA, 2004, p. 165)

As explicações de Kamita (2004) a respeito das intenções de *A mensageira* podem ser conferidas nas 36 edições da mesma, como constatamos nos editoriais de Presciliana Duarte de Almeida e no artigo de Eugénie Potonié-Pierre. Além disso, é necessário frisarmos que a revista tinha uma seção intitulada “Notas pequenas”, em que apareciam comentários sobre *A mensageira* em outros periódicos e algumas cartas. Vale destacarmos um trecho publicado no dia 15 de novembro de 1897, pela escritora Ibrantina Cardona (1868-1956):

Ter amor pela leitura, diz Montesquieu, é trocar as horas de tédio por horas deliciosas. E, realmente, depois que li *A mensageira*, senti commigo essa satisfação espiritual que, deixando-me, por algumas horas, esquecida de uma persistente e manhosa enfermidade que ha mezes me aniquila o corpo, concorreu para que eu recobrasse o entusiasmo para dizer vos, na phrase de M. de Stael, que — “a vós pertence um logar entre aquellas que bem mostram ser a mulher apta para todos os arrojios do engenho humano”. E, para confirmar esta asserção, aqui está, sobre a minha mesa de trabalho, *A mensageira*, cujo programma revela o mais louvável tentamen de um espirito superior, em favor da instrucção; aqui estão os preciosos fructos intellectuaes das pensadoras que acompanham a marcha do progresso, sob o labaro triumphal da Arte. (CARDONA, 1987, p. 38)

A carta da escritora gaúcha Ibrantina Cardona é longa, mas no trecho citado acima percebemos que a autora exaltou *A mensageira* justamente pelo fato de pactuar dos mesmos interesses e ideais defendidos por ela: a instrução da mulher brasileira e a defesa do trabalho. Assim,

podemos constatar que o ideal da revista foi sempre reforçado em seus volumes. Também mostrou a preocupação em levar aos lares das brasileiras uma literatura que refletisse sobre as questões da sociedade. Isso é visto na revista por meio de poemas, crônicas, contos que ilustraram as suas páginas. Transcrevemos aqui um trecho de um poema de Júlia Cortines (1863-1948), no primeiro volume, que foi dedicado à Prescilina Duarte de Almeida:

O Deserto
A Presciliana Duarte de Almeida

O sol queima; o ar suffoca; a infinita celagem
Do céu resplende sobre o infinito deserto ;
E do vasto horisonte, ao derredor aberto,
Sopra, como de um fôrno, uma ardente bafagem.

Nada á flor do areial, quer á distancia ou perto ;
E, atravez da nudez da vasia paizagem,
Nem sequer a illusoria e ephemera miragem
Deixa, ao longe, entrever o seu perfil incerto...

(CORTINES, 1987, p. 11)

Cortines foi uma poetisa parnasiana que escreveu também para o jornal *O País*, onde teve uma coluna intitulada “Através da vida”. O trecho do poema que reproduzimos acima é um soneto, composto de dois quartetos e dos tercetos, com rimas ABBA/BAAB. Vemos uma poesia que exalta a natureza seguindo a estética parnasiana, o que já é uma inovação para época. A literatura que chegava às casas das brasileiras escrita por mulheres também tematizava a escrita pelos homens. Aliás, como já supracitado, *A mensageira* publicou textos masculinos, como o poema de Hippolyto da Silva (1858-1909) em seu primeiro número.

Recuerdos
Vai te minando um intimo desgosto...
Vai... que o vejo em teu rosto desmaiado,
E nesse teu sorriso illuminado
Por um tremulo raio de sol posto.

Sei que a lagrima ardente da amargura
Rola-te pela cutis côr de opala,
Como n’um vaso de crystal resvalla
A gotta d’agua, luminosa e pura.

(SILVA, 1987, p. 9)

Assim como o escrito da poetisa Cortines, o poema de Silva é também um soneto com rimas ABBA focando uma visão mais sentimental e saudosista, um pouco romântica, elucidada pelo título, “recuerdo”, trazendo lembranças de um passado que pode ter afligido a amada.

Com isso, auferimos que os dois trechos de sonetos, um de autoria masculina e o outro de autoria feminina não competem entre si. Uma pena que tudo foi encerrado em 15 de janeiro de 1900, data da última publicação de *A mensageira*, conforme consta na coluna “Notas pequenas”, de autoria Presciliana Duarte de Almeida.

Completando com este numero a serie correspondente a nosso 2º anno, curvamo-nos agradecidas perante nossos illustres collaboradores, que a esta revista emprestaram generosamente o brilho de seu talento, perante a imprensa brasileira, que nos tem acolhido com a maxima benevolência, e perante as pessoas que nos' têm honrado com suas assignaturas. Estendemos também nossa gratidão aos conceituados editores Srs. Carlos Gerke & Comp., cuja delicadeza, honradez e cavalheirismo merecem sinceros encomios. A todos reiteramos nossos agradecimentos, declarando que *A mensageira* suspende temporariamente sua publicação. (ALMEIDA, 1987e, p. 239)

A revista não foi apenas temporariamente suspensa, após esse período sua circulação interrompeu-se. O último número, conforme informa Luca (1999), contou com 28 páginas e muitos textos literários, poemas das seguintes mensageiras: Aurea Pires (1876-1949), Delminda Silveira (1855-1932), Ridelina Ferreira (1867-?) e a própria diretora da revista, Presciliana Duarte de Almeida.

Considerações Finais

A partir do explanado constatamos a importância da revista *A mensageira* para a consolidação dos direitos das mulheres. O periódico teve a intenção de incentivar à educação e o voto para homens e mulheres. O mais notável foi trazer em suas páginas escritos de homens que também defendiam direitos iguais para os sexos. Percebemos o quão relevante foi a produção literária e os escritos críticos da mensageira Presciliana Duarte de Almeida. Sua incansável luta na defesa dos direitos da mulher e no acesso à educação para todas marcaram a sua época. Ao lado de seu marido, Sílvio de Almeida, o casal veio, inclusive, a fundar uma escola

em sua residência. Todavia, é quase que inadmissível que o seu nome fique no esquecimento e não seja mencionado na historiografia literária. Dessa forma, fazer o resgate de escritoras do século XIX é extremamente profícuo para não deixar à margem os escritos de autoria feminina.

Além disso, os escritos literários publicados eram inovadores, e isso é percebido de duas formas: por serem de autoria feminina e por, muitas vezes, enquadrarem-se na estética literária da época e discutirem a condição da mulher na sociedade. As exposições em público eram raras, por isso, essas escritoras foram tão ousadas. Também havia poemas nos quais o eu-lírico lamentava a perda de seu amor, algo inusitado na escrita feminina. A exaltação da natureza, dos sentimentos mesclando um saudosismo romântico com a tendência simbolista foi um destaque na poesia divulgada no periódico.

O patriarcalismo e a cultura andocêntrica de que o homem é o centro de tudo deixou no silêncio as vozes femininas, e, por isso, reforçamos a importância de estudar a revista *A mensageira*, a fim de conhecermos vozes que não se deixaram silenciar no período. Nas palavras de Tedeschi (2016):

Se o silêncio apareceu na história como um atributo feminino, que constituía parte do suposto mistério constitutivo da mulher, e mesmo do feminino enquanto ideal, é preciso rever seu lugar e pensar os espaços do silêncio no qual as mulheres foram “confinadas”, resultado de um poder simbólico que a impôs papéis e identidades. (TEDESCHI, 2016, p. 154)

Com isso, procurou-se mostrar a inovação da publicação, como já mencionamos, e a relevância em resgatar esses escritos. Assim, é possível alterar a historiografia literária brasileira trazendo à tona as vozes mensageiras que levaram aos lares brasileiros, do século XIX, uma literatura que refletiu sobre a condição social da mulher na época.

Referências

ALMEIDA, Júlia Lopes de. Entre amigas. *A mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira, São Paulo, v. 1, ed. fac-similar, p. 4-5, 1987b.

ALMEIDA, Presciliana Duarte de. Duas palavras. *A mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira, São Paulo, v. 1, ed. fac-similar, p. 1-2, 1987a.

ALMEIDA, Presciliana Duarte de. Notas pequenas. *A mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira, São Paulo, v. 2, ed. fac-similar, p. 239, 1987e.

ALMEIDA, Sílvio. Cartão de parabéns. *A mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira, São Paulo, v. 1, ed. fac-similar, p. 10, 1987c.

ALMEIDA, Sílvio. Traços Ligeiros. *A mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira, São Paulo, v. 1, ed. fac-similar, p. 24, 1987d.

BARP, Guilherme; ZINANI, Cecil Jeanine Albert. A mensageira, um periódico feminista do século XIX. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, Duque de Caxias, v. 21, n. 47, p. 156-171, 2019. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/5908/3087>. Acesso em: 14 maio 2020. ISSN: 1678-3182.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 36. ed. rev. e aum. São Paulo: Cultrix, 1999.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

CARDONA, Ibrantina. Notas pequenas. *A mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira, São Paulo, v. 1, ed. fac-similar, p. 38, 1987.

CARVALHO, Marcus J. M. de. A imprensa na formação do mercado de trabalho feminino no século XIX. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia Bessone da C. (org.). *Imprensa e história: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A: FAPERJ, 2006. p. 176

CORTINES, Júlia. O Deserto. *A mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira, São Paulo, v. 1, ed. fac-similar, p. 11, 1987.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

DUARTE, Constância Lima. O cânone e a autoria feminina. In: SCHMIDT, Rita Terezinha (org.). *Mulheres e literatura: (trans)formando identidades*. Porto Alegre: Editora Palloti, 1997. p. 53-60.

GOTLIB, Nádia Battella. A literatura feita por mulheres. In: BRANDÃO, Izabel; MUZART Zahidé Lupinacci (org.). *Refazendo nós: ensaios sobre*

mulher e literatura. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p. 19-72.

KAMITA, Rosana Cássia. Revista “A mensageira”: alvorecer de uma nova era?. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, p. 164-168, set./dez. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000300018>. Acesso em: 16 jul. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000300018>

LUCA, Leonora de. *A mensageira: uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira*. 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280414>. Acesso em: 30 nov. 2019.

MALUF, Mariana.; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. *In: NOVAIS, F. A. (coord.); SEVCENKO, N. (org.). História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3. p. 367-421.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: EDUSP: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. *A fala-a-menos: poesia e imprensa feminina no final do século XIX e início do XX no Brasil*. 1989. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2008.

POTONIÉ- PIERRE, Eugénie. A solidariedade feminina. *A mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira*, São Paulo, v. 2, ed. fac-similar, p. 207-208, 1987.

SCHUMAHER, Schuma; BRASIL, Érico Vital (org.). *Dicionário das mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

SILVA, Hippolyto. Recuerdos. *A mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira*, São Paulo, v. 1, ed. fac-similar, p. 9, 1987.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. *Revista Raído*, Dourados, v. 10, n. 21, p. 153-164,

jan./jun. 2016. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5217>. Acesso em: 13 jan. 2021.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. *Escrita de mulheres e a (des) construção do cânone literário na pós-modernidade: cenas paranaenses*. Guarapuava: Unicentro, 2008.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 401-442.

XAVIER, Elódia. *Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

XAVIER, Elódia. O corpo a corpo na literatura: a representação do corpo nas narrativas de autoria feminina. In: BRANDÃO, Izabel; MUZART Zahidé Lupinacci (org.). *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p. 253-275.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; POLESSO, Natália Borges. Da margem: a mulher escritora e a história da literatura. *Métis: história & cultura*, Caxias do Sul, v. 9, n. 18, p. 99-112, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/998>. Acesso em: 07 jan. 2021. do: 2236-2762.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert (org.). *Imprensa feminista e literatura: contribuições da revista A mensageira*. Caxias do Sul: EDUCS, 2019.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert (org.). *Mulheres gaúchas na imprensa do século XIX: almanaque de lembranças luso-brasileiro*. Caxias do Sul: EDUCS, 2018.

Recebido em: 14 de janeiro de 2021.

Aprovado em: 26 de abril de 2021.